

“Mocada / O Enterro do Miguel”

No dia 27 de novembro, no Claustro, teve lugar uma das tradições mais antigas e simbólicas do Colégio Militar: “O Enterro do Miguel”, ou a “Mocada”, assim conhecida na gíria colegial recente.

Nesta tradição, os alunos aparecem disfarçados com os trajes mais bizarros e originais, fazendo uso da sua criatividade, imaginação e alegria.

Este evento visa retratar, com adaptações à vivência colegial, o episódio histórico da Restauração da Independência de 1 de dezembro de 1640 e trata-se de uma pitoresca reconstituição da ação que um grupo de conjurados levou a efeito, nessa data, no intuito de destronar o jugo espanhol.

Os alunos dos 11.º e 12.º anos, representando os castelhanos e os portugueses, respetivamente, desfilam à volta do Claustro, ocupando, de seguida, lados opostos, preparando-se para o confronto. Empenhando a “moca”, sucedem-se as recíprocas e habituais ameaças entre inimigos, após o que se defrontam. Apenas alguns minutos bastam para levar de vencida a “guarda espanhola”.

A luta no Claustro termina quando os espanhóis, concentrados junto às escadas de acesso às varandas, são vencidos e os portugueses invadem o Paço e vão ao andar superior.

Sobem, então, alguns portugueses à varanda e, com lusitano cavalheirismo, convidam a Duquesa de Mântua, governadora de Portugal ao serviço de Filipe III, a afastar-se pela porta (se o não quiser fazer pela janela).

Escondido num armário, Miguel Vasconcelos, normalmente simbolizado por um boneco feito pelos alunos, que personifica o traidor, é descoberto, atirado da varanda e sujeito à ira e revolta do povo, que o esmaga.

Ao grito de “Liberdade! Liberdade!”, da varanda do Claustro, é proferido o ansiado discurso por um dos alunos finalistas (chefe dos revoltosos portugueses) e escrito em “papel de menor qualidade”, que verbera ardente e ferozmente os “traidores” e os “inimigos”.

O povo, em baixo, eufórico e expectante, vai vociferando com fortes “Viva” e disputando as páginas do papel que são atiradas da varanda.

Após a “luta” no Claustro, segue-se um desfile dos vencedores perante a submissão dos opositores. O cortejo transforma-se, depois, num “abrir de fileiras”, no exterior do Claustro, compostas pelos alunos do 12.º ano, no meio das quais passam todos os restantes, simbolizando isso a expulsão dos intrusos do território português e a humilhação de todos os que não se insurgiram patrioticamente contra o domínio castelhano.

Finalmente, em cortejo e por entre os clamores dos Portugueses, enfim libertos, é enterrado o traidor Miguel Vasconcelos.